

diferente: no caso da “narrativa de primeiro nível”, talvez mais convencional, o autor optou pelas ilustrações aparentemente compostas a lápis de cor; já na “narrativa de segundo nível”, introduz marcas da narrativa fílmica ou cinematográfica, uma película muda, dominada pelo silêncio, e ilustra a preto e branco. Esta alternância cromática, associada ao jogo de volumes e de traços, que resultam em texturas diversas, é, ainda, muito relevante do ponto de vista da orientação do percurso de leitura.

Estas – e outras – estratégias de construção narrativa, e especial, de narrativa visual, servem, em última instância, o processo de contemporaneização ou de ligação ao quotidiano que caracteriza o volume em análise, colocando em evidência uma construção que, em certa medida, representa um contraponto à conhecida narrativa tradicional.

A temática da família, aliás, já ficcionalizada, por exemplo, em *A Família dos Porquinhos*, *O Meu Pai* e *A Minha Mãe*, obras também disponíveis no mercado livreiro português, associada a questões como a alimentação, a condição infantil ou a constrangedora e expressivamente tratada oposição abundância vs. parcimónia perpassam toda a narrativa, promovendo o questionamento do presente em face do passado e, indiretamente, a vida citadina e a vida campestre. Note-se, por exemplo, que as aparentemente pacíficas união e atenção familiares da “narrativa de primeiro nível” aparecem, de forma subtil, contrariadas durante o passeio no parque, em concreto pelo diálogo adultos/parentais e pelas brincadeiras “por conta e risco” do pequeno Urso.

Não deixa de ser surpreendente e significativa a opção paradoxal por personagens animais para a narrativa dominada por temáticas como a união familiar e acompanhamento infantil (pelo humanismo) e por personagens humanas quando se ficcionalizam tópicos como a solidão e a desatenção (pontual, aparente ou real) dos adultos em relação às crianças. Parece, assim, problematizar-se implicitamente a desumanidade dos humanos, “fotografia” da qual não se pretende esconder o “negativo” imponderável daquilo que se afigura como a humanidade dos animais. Anthony Browne deixa escapar no seu discurso verbo-icónico uma ironia especial que parece decorrer de uma vivência amarga e de uma observação desencantada (realista?) da sociedade contemporânea e, neste caso concreto, da própria infância, vivida diferentemente e condicionada por acentuadas desigualdades sociais e familiares. Trata-se, com efeito, de uma das singularidades da criação artística do autor, como assume o próprio em entrevista concedida à revista *Imaginaria* e disponível *online* em . Aspetos como a recriação visual

de certos pormenores arquitetónicos dos cenários recriados visualmente, como mencionámos, de certos elementos decorativos (a louça na casa dos Ursos, por exemplo) ou, mesmo, as implicações semânticas da dedicatória “Para todos os perdedores”, mensagem de esperança e de otimismo, que poderá tranquilizar um determinado tipo de leitores, possibilitam a inscrição de *Eu e Tu* no universo de uma arte que não perde de vista o quotidiano presente e não se alheia do real.

Eu e Tu, substantivando, uma vez mais, o génio e o espírito de Anthony Browne, parece exemplificar a posição comprometida deste autor que não tem hesitado em criticar através da sua arte algumas situações e atitudes comuns na sociedade atual. A leitura desta obra forte, estimulando uma reflexão que exige o “cruzamento” de elementos do âmbito sócio-cultural, ideológico ou até da psicologia, prova (como poucas) a “fragilidade das fronteiras” entre aquilo que é lido pelas crianças e aquilo que é lido pelos adultos. SARA REIS DA SILVA [UNIVERSIDADE DO MINHO]

No País das Letras

Francisco Vaz da Silva (texto e ilustrações)

Edições Afrontamento, 2010

ISBN – 978-972-36-1115-1

Leitores medianos, leitores autónomos

Com texto e ilustrações de Francisco Vaz da Silva, autor também de *História de uma Gota de Água* (Afrontamento, 1979; 3ª ed. – 2011), *No País das Letras*, título ao qual se junta o parêntesis «(ou as histórias que a minha avó me contava)», revela um percurso de conhecimento da literatura e dos livros que resulta na expressão singular de um amor à palavra ou às letras.



Ao longo de todo o texto, é possível pressentir o sentido de partilha, associado aos desejos de evocar e de homenagear, anunciados, aliás, no breve paratexto da contracapa, assinado pelo autor da obra. Referências mais ou menos explícitas a textos conhecidos através da oralidade, bem como a grandes autores da literatura universal nutrem o discurso de Francisco Vaz da Silva e imprimem ao texto uma coloração humanista, decorrente, em larga medida, de um implícito fundo autobiográfico que distingue o relato.

As vivências da infância e da juventude e, naturalmente, as memórias ou a dedicação a figuras familiares de referência – não apenas do passado («em memória da minha avó que me contava histórias fantásticas»), mas do presente, como, cremos, permite perceber a dedicatória «Para a Dulce, a quem, em primeira mão, escrevi esta história» – desencadeiam uma multiplicidade de alusões literárias.

Após a formulação introdutória, construída a partir da reiteração da expressão «No tempo em que eu...» e da recriação da ideia de longínquo e de indeterminação temporal, é introduzida uma narrativa de segundo nível colocada na voz da avó. Do diálogo que entre esta e o narrador principal se celebra, entremeado, por vezes, de segmentos literários memoráveis – por exemplo, de Natália Correia e de Fernando Pessoa – desponta um discurso metafórico que releva a originalidade e a bonomia da vida no «País da Letras», um território onde «Todas as casas tinham o seu jardim ou quintal e em todos eles floresciam plantas e árvores que davam letras...» (Silva, 2010: 8). Percorrendo as estações do ano, o narrador detém-se na descrição das suas “singularidades literárias” sempre associadas às particularidades habituais e naturais de cada uma delas: «Na primavera, os campos enchem-se de letras (...). O verão era passado na praia cujas areias eram banhadas pelo mar das letras (...). No outono, as árvores deixavam cair as suas letras, ficando as ruas e os campos cobertos de letras lindíssimas, das mais variadas cores e tamanhos. (...) Com a chegada do inverno e das primeiras chuvas, era um espetáculo maravilhoso ver todas aquelas letras a caírem do céu.» (*idem, ibidem*: 16).

A essência metatextual e/ou metaliterária do texto sobressai, ainda, da variedade de alusões a autores de diversas latitudes, alguns deles curiosamente associados e assumindo o protagonismo em episódios muito peculiares. Releia-se, a título exemplificativo, o seguinte extrato: «O Marx e o Engels, amigos inseparáveis, passavam o seu tempo preocupados com a humanidade. Depois da escrita, apenas paravam para ouvir o Léo Ferré, de quem gostavam muito e que atuava todas as noites no Café das Letras. Aí estava,

habitualmente, o Luís Sepúlveda – um companheiro, diziam todos – sempre preocupado com os homens e a humanidade e com as baleias.» (*idem, ibidem*: 20).

A vertente ilustrativa, pautada pela sobriedade e pela subtileza, acentua a componente humanista da publicação, recriando as figuras tutelares avançadas pelo texto verbal. A variedade de rostos ou a representação pictórica de personagens humanas, sempre “enfeitadas” com letras, algumas delas (a)colhidas em cenários marítimos, é talvez o traço visual mais acentuado do volume.

Em conclusão e pelas razões expostas, *No País das Letras* substantiva a partilha de um «universo fantástico» sem o qual, como escreve Francisco Vaz da Silva, «a nossa vida seria mais pobre, senão impossível.». SARA REIS DA SILVA [UNIVERSIDADE DO MINHO]



Fernando Pessoa. Antologia Poética

Fernando Pessoa (*texto*)

Pedro Proença (*ilustrações*)

Faktoría K / Kalandraka 2009, col. Treze Luas

ISBN 978-989-8205-32-2

Leitores autónomos

Fernando Pessoa. Antologia Poética é uma coletânea de 13 poemas do poeta modernista português e de alguns dos seus mais conhecidos heterónimos, textos selecionados por Margarida Noronha e Pedro Proença e ilustrados por este último. Na mesma coleção que já editara, entre outros livros destinados ao público juvenil, um volume em galego de Rosalía de Castro e outro em castelhano de Miguel Unamuno, não deixa de ser relevante que a escolha do primeiro autor português recaia em Fernando Pessoa, ao qual já se juntaram, em edições recentes, os volumes relativos a Bocage e a Florbela Espanca.